

ESTABELECENDO CONCEPÇÕES ESTILÍSTICAS E PERFORMÁTICAS DA BANDA VOMER: ARTICULAÇÕES ENTRE MAINSTREAM, UNDERGROUND, BANDA, PÚBLICO E CENA

Tiago de Quadros Maia Carvalho *

Resumo: A banda Vomer é um grupo musical da cena roqueira da cidade de Montes Claros-MG. Sua prática musical, como parte de um discurso musical multifacetado que é o rock é marcada por um repertório estilizado com base no gênero musical trash metal, o que a coloca como integrante da cena metal da cidade. O presente trabalho pretende apresentar os principais processos pelos quais a Vomer constitui seus padrões estilísticos e performáticos. Acredita-se que além da relação que a banda estabelece com as bandas e músicas que são veiculadas pela indústria cultural e da sua resignificação através do meio underground, ela também estabelece negociações de cunho cultural com as tendências das instituições da cena que se manifesta na filosofia da música independente, apresentando, por sua vez, modelos de produção, difusão e distribuição midiática alternativos ao mainstream. Além disso, a Vomer também se configura com base na crítica cultural que se estabelece na sua performance ao vivo e nas relações – síncronas e assíncronas – que se dão no ciberespaço, onde a banda disponibiliza materiais para consumo e apreciação. Por fim, acredita-se que a Vomer é formada não apenas pelas concepções que são estabelecidas por seus músicos, mas também pelo constante exercício da diferença cultural, pela qual todos os envolvidos são atores ativos.

Palavras-chave: Vomer; Concepções Estilísticas e Performáticas; Cena.

Abstract: The Vomer band is a musical group of the rocker scene of Montes Claros-MG town. Its musical practice, as a part of a multifaceted musical discourse which is the rock is marked by a repertoire stylized based in the trash metal musical genre, what put it as a integrant of the metal scene of the town. This work pretend to present the principal processes by what the Vomer compose its stylistic and performatic patterns. Is believed that beyond the relationship that the band establish with the bands and musics which is conveyed by cultural industry and its reframing trough the underground environment, it establish too cultural matrix negotiations with the tendencies of the institutions of the scene which expresses itself in the philosophy of the independent music, presenting, in turn, production, diffusion and distribution midiatic models alternatives to the mainstream. Beyond that, the Vomer configures itself too based on the cultural critique established in its live performance and in the relationships – synchronous or asynchronous – that happens in the cyberspace, where the band provides materials for consumption and appreciation. Ultimately, it is believed that Vomer is formed not only by the conceptions established by its musicians, but too by the constant execercise of the cultural difference, whereby all the involved are active actors.

Keywords: Vomer; Stylistic and Performatic Conceptions; Scene.

** Mestrado em Música, área de concentração Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisa atualmente financiada pela Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

Introdução

A banda *Vomer* é um grupo pertencente à cena musical do município de Montes Claros-MG, sobretudo ao *rock*. Estando presente na cidade há mais de 40 anos e passando por várias gerações com concepções musicais e culturais diferentes, pode-se dizer que sua realidade, apesar de aparentemente homogeneizada é na verdade multifacetada por uma grande variedade de discursos, compartilhando o mesmo espaço. Uma dessas visões de mundo é professada pela banda *Vomer* – foco deste trabalho –, no caso, o *metal*¹, prática que surgiu dentro da cena do *rock* na cidade de Montes Claros a partir da década de 1990.

O presente trabalho visa discutir acerca das principais influências formadoras das concepções estilísticas e performáticas da banda *Vomer*, considerando que esses padrões são adquiridos conforme a relação que se estabelece entre os músicos, os elementos veiculados pelo *mainstream*, sua resignificação com base na filosofia e estética *underground*, bem como sua contextualização com a cena do *rock* montesclareense, representada primariamente pelas instituições que fomentam sua prática e as negociações sociais que se estabelecem na performance musical, ou seja, nas relações decorrentes entre banda e público, além das incursões da imprensa especializada.

Vomer, Breve História

A *Vomer* surgiu dentro da cena do *rock* de Montes Claros por volta do ano de 1995, ainda com outro nome, *Septecemia*. Tendo descoberto que esse era o nome de outra banda, seus integrantes, folheando um livro de anatomia, encontraram a denominação atual. O gênero musical que permeava suas práticas também não era o *metal*. Ela tocava basicamente o *punk*. Além disso, ela se limitava a releitura das bandas que mais influenciavam seus músicos.

Com o tempo, acompanhando os movimentos da cena do *rock* em Montes Claros, a banda, buscando novas sonoridades e a partir de novos gostos que se estabeleceram entre seus membros passou a praticar cover de bandas de *metal*, exclusivamente, em específico o *trash metal*. Com o tempo, por volta do ano de 2007, a *Vomer* começou a compor músicas próprias. Seu primeiro *demo* foi lançado no mesmo ano, no caso, o *Lord of Hell*, com quatro músicas próprias. O disco está disponível na internet, onde a banda mantém um *blog*, um perfil e uma comunidade no *Orkut*, além de clipes e vídeos de *shows* no *You Tube*.

¹ *Metal* é um gênero musical originário do final da década de 1960. Por *metal*, pode-se atribuir uma grande variedade de subgêneros, como o *white metal*, *trash metal*, *Black metal*, *heavy metal*, etc.

Atualmente a *Vomer* cessou com os shows, pois seus músicos estão se reunindo para compor novas músicas e elaborar um novo CD.

Vomer, Mainstream e Underground

De acordo com Brandini (2004), pode-se dizer que o *rock* é um gênero musical que tem sua notoriedade pelo fato de ser veiculado através da indústria cultural, por mais que a ideologia de liberdade e autenticidade esteja presente em seu discurso. Dessa forma, por mais que se diga e se articule de forma contrária, *rock* e, no caso deste trabalho, *metal* são gêneros musicais que alcançam seu público através de processos de difusão, muitas vezes sob a forma de artefatos culturais (CDs, DVDs, músicas em formato MP3 baixadas na internet, etc.). Além disso, as concepções e iconografias que permeiam as vidas dos metaleiros também vêm da difusão de elementos, símbolos que são abertamente cooptados pelas pessoas que professam tal ideologia. Música, portanto, passa a ser basicamente consumida.

A primeira impressão que se cria com base nessas informações é de que as pessoas passam a ser dominadas pelo mercado, ao passo que suas formas de concepção, prática e manifestação musical se tornam homogeneizados com base na forte influência da indústria cultural. Não se nega aqui a crítica adorniana aos processos midiáticos de distribuição e consumo alienado dos bens culturais, sequer a grande diferença de poder que se verifica nas incursões da indústria fonográfica. No entanto, vale dizer que, apesar da massificação e mundialização de processos de concepção musical, acontece, por outro lado, toda uma reação, comportamento e resistência aos padrões do *mainstream*.

Ruud (2007) acredita que o consumo de elementos que são veiculados pela indústria cultural não necessariamente implica numa homogeneização das pessoas ou de seus padrões culturais. Isso porque o processo de cooptação desses bens simbólicos não parece se acontecer de forma passiva, mas sim com base na escolha, nos gostos e nas afinidades dos indivíduos com o que consomem. Sendo assim, “de uma perspectiva etnográfica, é óbvio que as pessoas não consomem símbolos passivamente, mas escolhem ativamente materiais simbólicos disponíveis e os usam para construir suas próprias identidades²” (RUUD, 2007, p. 37). Fazendo uso de seu “direito” de consumo, as pessoas cooptam os símbolos que lhes são representativos e, num trabalho de resignificação e releitura, constroem assim suas identidades culturais.

² From a ethnographic perspective, it is obvious do not passively consume symbols, but actively choose from available symbolic materials and use them to construct their own identities.

Pode-se dizer que a banda *Vomer* segue essa tendência na formação da concepção de seu estilo e performance. Sua prática, sonoridades, instrumentação, estéticas que permeiam a composição musical, técnicas usadas pelos instrumentistas e vocalista, todos esses elementos refletem diretamente as bandas e símbolos que fazem parte do ideário de seus músicos. Isso se reflete diretamente no repertório da banda que não apenas tem músicas próprias, mas também cover de outras bandas de *trash metal* que se mostram como modelos para eles. Além disso, as sonoridades encontradas nas músicas próprias em muito se parecem tanto com as músicas das quais a banda pratica o cover como *Lamb of God*, *Arch Enemy*, *Sepultura*, dentre outras. Da mesma forma que as estruturas sonoro-musicais se mostram recorrentes nas bandas que influenciam as concepções da *Vomer*, também acontecem recorrências nas formas de se vestir, no uso de inscrições corporais (tatuagens), nos movimentos e atitudes usadas durante os *shows*, no tipo de reação que se espera do público.

Considerando então as afirmativas já feitas, entende-se que a *Vomer* é capaz de recriar os padrões oriundos das músicas e dos discursos musicais que consome, resignificando-os em discursos musicais que são inerentes à banda, ou seja, tomados como seus. Essa resignificação se dá conforme sua atuação no meio *underground*, cujo discurso inicial é negar as estratégias de massificação utilizadas pelo *mainstream* (JANOTTI; CARDOSO, 2006). Por meio *underground* entende-se como formas de produção, consumo e difusão de músicas para um público segmentado, diferente de sua contrapartida que busca sempre alcançar o máximo de pessoas, ou de nichos de mercado possível. Outra característica marcante desse meio é a maior proximidade e liberdade estética que o músico tem em relação ao seu trabalho. No *mainstream*, ou seja, em grandes gravadoras, há, na maioria das vezes, uma grande divisão de trabalho, feita por produtores musicais, técnicos de gravação, dentre outros. O músico acaba sendo mais um nesse processo, sendo que, em muitos casos, ele acaba alienado do produto final de seu trabalho. Sendo assim, no caso do *metal*, forma-se uma estética e meio de produção, difusão e distribuição alternativos às *majors*, geralmente representados por selos e gravadoras independentes, além de bandas e músicos que produzem e veiculam seu próprio material.

Apesar do *mainstream* e *underground* se apresentarem como supostamente antagônicos, pode-se perceber que ambos mantém relações e possuem ligações profundas. Como já dito, por exemplo, a *Vomer*, apesar de utilizar de elementos oriundos em grande parte das bandas do *mainstream*, se articula no meio *underground* que é a cena do *rock* em Montes Claros. Dessa forma, apesar de representar um meio alternativo, suas concepções em muito tem a ver com o meio ao qual a banda e a cena fazem “coro contrário”. Sendo assim,

(...) “de forma contraditória, essa “cultura adolescente-juvenil” citada por Morin e vivenciada por esses grupos do *rock underground* surgiu no próprio interior da cultura de massas, apesar de criticá-la com veemência” (ROSA, 2007, p. 50). O resultado dessas relações estabelecidas pela Vomer é a consolidação de uma prática musical concernente com a estética *underground*, mas, ao mesmo tempo, alimentada pelos elementos – inclusive musicais – do *mainstream*.

Vomer e a Cena do Metal em Montes Claros

Com base em uma pesquisa que vem sendo realizada acerca da banda Vomer e a definição de seus aspectos performáticos, estilísticos e estético-musicais e conforme sua representação como integrante da cena do *rock* em Montes Claros, sobretudo o *metal*, entende-se que não apenas as relações de cunho midiático – no caso, as concepções que tramitam entre os meios *mainstream* e *underground* – definem suas práticas musicais. Além disso, a cena deve ser considerada influente, não apenas como espaço físico, mas também como contexto sociocultural que é capaz de definir os rumos que o grupo pode tomar na busca de sua sobrevivência nesse meio.

Nesse sentido Wheeler (2007), numa pesquisa que contempla o *rock* na cidade de Brasília-DF, entende que a relação entre as pessoas e o local é determinante para o surgimento de práticas musicais. Ele acredita que a cidade de Brasília ofereceu as condições necessárias – não apenas em suas estruturas físicas, mas também culturais e sociais – para o surgimento de um movimento roqueiro forte, que foi marcado por bandas como a *Plebe Rude*, *Capital Inicial*, *Legião Urbana*, *Raimundos*, dentre outras. Da mesma forma, O’Connor (2002) defende que, diferente do pensamento globalizante das teorias de hibridização cultural, ainda são necessárias verificações das formas específicas de contatos culturais que dão origens às cenas musicais. Sendo assim, por mais que a *Vomer* tenha como influência os elementos que vivencia por meio dos processos midiáticos – de ampla divulgação ou segmentados –, sua articulação com a cena metaleira montesclarensense também dita os padrões pelos quais ela sobrevive no contexto em que atua.

A *Vomer* se articula conforme a ideologia da música independente, fruto da estética alternativa que na cidade se processa. Essa representação é visível com base nas instituições que apoiam a prática roqueira na cidade, no caso, a *associação do rock de Montes*

Claros e Região e o coletivo *Retomada*, principalmente³. Não se trata apenas de uma ideologia calcada em fins não comerciais. Na verdade, a relação entre a música independente e as *majors* não é necessariamente um embate de “arte versus comércio, mas grandes negócios versus pequenos negócios” (FRITH *apud* BRANDINI, 2004, p.62).

Considerando então essas afirmações, é a ideologia dessas duas instituições apoiar a produção roqueira na cidade de Montes Claros, através de uma prática musical independente. Isso tem grande impacto sobre a cena musical de Montes Claros, uma vez que a maioria dos eventos de *rock* são realizados pela *associação* e pelo *Retomada*. Uma das exigências, por exemplo, foi que as bandas que participam dos eventos tenham músicas próprias em seu repertório. O impacto e mudança de pensamento foram iminentes. Inclusive, essa foi a atitude tomada pela *Vomer* para que pudesse continuar atuando nesse meio.

Para os membros do *Retomada*, a intenção é fazer com que as bandas montesclarenses passem a se divulgar, fazer sucesso e se manter sem a necessidade de buscar grandes corporações:

Porque tem que ter um estímulo, porque se ficar todo mundo, continua né? E é massa sô, a banda, é muito conveniente e cômodo às vezes, ficar nesse lance do cover. Mas o meio da produção, da criação, é muito bacana. É tanto que primeiro Pequi Rock já tinha isso como critério, o show ser todo autoral. Depois a gente abriu um pouco, tinham que ser três músicas autorais. Mesmo assim limitou para quatro, cinco inscrições na época. Depois do Pequi Rock que começou a fortalecer essa cena e no último Pequi Rock já teve mais de dez inscrições. Tudo com música própria (LORENA, 11 ago. 2009).

A primeira impressão que se tem é de que esse discurso de sobrevivência a partir dessa filosofia é algo inteiramente compartilhado. No entanto, não é bem assim que as coisas acontecem. Apesar das bandas e das instituições todas participarem dos movimentos voltados para a música alternativa, com o apoio do meio *indie*, os discursos não necessariamente acompanham as práticas que são realizadas, pelo menos não totalmente.

Ao mesmo tempo em que pratica um modo de vida alternativo, a *associação do rock de Montes Claros e região* dispõe de um pensamento um pouco divergente daquele apresentado pelos membros do *Retomada*. As palavras de Fred Sapúlia, presidente da associação, ilustram bem essa questão:

Esse é o objetivo de toda banda. Acho que não chega a ter uma ganância muito grande, mas o objetivo de toda banda é ter o seu trabalho reconhecido, tocar fora. Igual muitas bandas aqui já tocaram fora, bem como bandas de fora já tocaram aqui, já é uma vitória que a gente tem conquistado e a gente tá tentando isso. A gente tá tentando profissionalizar as bandas, tentando ajudá-las pra que elas se

³ Havia na cidade o *Instituto Geraes* que também apoiava a prática do *rock* em Montes Claros, mas suas atividades foram interrompidas no início do ano de 2010. Além disso, o coletivo *Plug!* também dá suporte, mas também não tem o *rock* como prática exclusiva.

profissionalizem. E a gente espera que uma aí um dia dê um boom (sic) e estoure profissionalmente e puxe as outras, como já aconteceu em outros casos na história como foi o caso de Seattle (FRED SAPÚLIA, 4 ago. 2009).

Para Sapúlia, essa “profissionalização” pode levar a um grau a mais nas carreiras das bandas de *rock* da cidade. Entretanto, o objetivo de se alcançar o *mainstream* não é um almejo partilhado com os membros do *Retomada*. Apesar das práticas musicais – entendendo práticas musicais como algo que vá além da mera execução musical, mas sim como a expressão de uma concepção construída culturalmente (CHADA, 2007) – constarem com conceitos parecidos de produção, gravação e difusão de material musical, além de colaborações diversas entre bandas e instituições, os objetivos, que parecem iguais a primeira vista, na verdade são bastante diferentes. Para o coletivo *Retomada*, é importante alcançar sucesso sem a ajuda das grandes corporações, já para a *associação*, a vida *underground* é um passo para se chegar ao *mainstream*.

Sendo assim a *Vomer* formata seu discurso com base nas ideologias que circulam entre as instituições. Entretanto, assim como as ideias e objetivos das instituições diferem entre si, o mesmo acontece com as bandas. Assim como a maioria dos grupos que foram entrevistados, a *Vomer* também se mostrou atraída pela carreira no *mainstream*, por mais que reconheça que talvez isso possa nunca acontecer. A prática metaleira em Montes Claros, portanto, acaba por se definir como concepções individuais e presentes em pequenas construções coletivas (bandas e instituições) socializadas no grande contexto que é a cena metaleira em si (BERGER, 1999).

Vomer, Público e Crítica

Além dos posicionamentos mercadológicos e nas articulações com as instituições que fomentam a sua prática, a *Vomer* também se condiciona através da relação estabelecida entre ela, seu público e a crítica que se estabelece a partir daí, além dos posicionamentos da imprensa especializada, representada por *faznines* e *webzines*. Dessa forma, os *shows* e os materiais que a banda veicula na internet e em meio físico são constantemente criticados e rearticulados conforme as negociações que ela exerce com seu público.

O gênero musical da *Vomer*, no caso, dentro da grande denominação do que seja *metal* é definido conforme as negociações de caráter cultural que se estabelecem no seu próprio contexto, entre todas as pessoas envolvidas (FABBRI, 2010). Sendo assim, sua concepção musical é mais do que uma relação de consumo de materiais midiáticos e sua

resignificação e relação com a cena da música independente da cidade de Montes Claros. É também fruto das negociações culturais que transcendem os momentos individuais da banda e de seus músicos.

Uma dessas formas de articulação seriam os *shows*. Estes são entendidos como performances pelas quais a banda expõe publicamente os resultados de seu trabalho de composição, não só sonoro-musical, mas também formas de se vestir, a corporalidade dos músicos, além da relação com o público. Sucesso e fracasso, como afirma o próprio Fabbri, acabam sendo o exercício de uma crítica cultural que se estabelece nos shows. Dessa forma, conforme o resultado que se alcança, a *Vomer* mantém ou transforma elementos concernentes ao seu estilo musical e performance.

Vale dizer também que não é apenas nos shows que essa crítica se estabelece, sequer que ela é exercida apenas pelo público que acompanha diretamente o trabalho da *Vomer*. Como a banda possui material fonográfico gravado, tanto em meio físico (CD), quanto veiculado em meio digital, através da internet, além de vídeos e sites informativos, as pessoas não deixam de se manifestar *online*. Os *fanzines* e *webzines* também fazem críticas e elogios frequentes ao trabalho da banda, uma vez que essa imprensa é composta por pessoas que frequentam a cena e tem propriedade para criticar o que a *Vomer* faz musicalmente. São *webzines* como o *Possilga*, *Uh-hu* e *Sertões* que geralmente estabelecem essa comunicação e opinião acerca do trabalho das bandas de Montes Claros.

Conclusão

Tomando como base a exposição dos principais fatores e atores que condicionam os padrões estilísticos e performáticos da *Vomer*, pode-se dizer que a construção do que seja a banda é fruto não apenas das relações que ela tem com os elementos que absorve dos meios midiáticos. Mais do que isso, por estar em constante relação com uma cena musical, os fatos e as pessoas que participam desse movimento também são importantes para a sua construção enquanto integrante do movimento do *rock* em Montes Claros.

A banda *Vomer* só articula os elementos que coopta das manifestações midiáticas da forma que faz – resultando em seu estilo musical – porque as pessoas que integram esse grupo estão ligadas a um contexto que, apesar de vivenciar elementos e manifestações musicais/culturais que sejam mundializadas, não deixam de ser fruto de toda uma negociação local. Ainda sim, por mais que os resultados pareçam homogêneos, vale ressaltar que os objetivos individuais de cada banda e/ou instituição se apresentam muitas

vezes diferentes. Cultura, por sua vez, se mostra muito mais como o resultado do exercício da diferença (CAMBRIA, 2007).

Enfim, pode-se entender que os processos pelos quais a *Vomer* compõe seu estilo musical e performance muito tem a ver com seu posicionamento frente ao contexto cultural no qual ela se insere. Pensar nessa composição de concepções musicais não implica em compreender a banda como centro das atenções, nem como ditadora de tendências musicais ou culturais. Ao invés disso, deve-se entender que as pessoas e instituições que vivenciam esse processo tem grande influência. Música, portanto, não deixa de ser o resultado da grande articulação cultural de uma comunidade, esteja ela ligada à música popular massiva (JANOTTI; CARDOSO, 2006) ou não.

Referências

- BERGER, Harris M. **Metal, Rock, And Jazz: perception and the phenomenology of musical experience music/culture**. Hanover: Wesleyan University Press, 1999.
- BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- CAMBRIA, Vincenzo. Diferença: uma questão (re)corrente na pesquisa etnomusicológica. **Música e Cultura** – Revista On Line de Etnomusicologia, número 3, 2008. Disponível em: <http://www.musicaecultura.ufba.br/artigo_cambria_01.htm>. Acesso em: 28 abr. 2010.
- CHADA, Sonia. A Prática Musical no Culto ao Caboclo nos Candomblés Bahianos. In: III SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS-INTERNACIONAL, 3, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, EDUFBA, 2007. p. 137-144.
- FABBRI, Franco. **A theory of musical genres: two applications**. Disponível em: <http://www.francofabri.net/files/Testi_per_Studenti/ffabbri81a.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2010.
- FRED SAPÚLIA. Entrevista realizada pelo autor em 4 ago. 2009. Gravação de um arquivo de áudio.
- JANOTTI JÚNIOR, Jeder; FREIRE FILHO, João (org.). **Comunicação & Música Popular Massiva**. Salvador: Edufba, 2006.
- LORENA. Entrevista realizada pelo autor em 11 ago. 2009. Gravação de um arquivo de áudio.
- O'CONNOR, Alan. Local Scenes and Dangerous Crossroads: punk and theories of cultural hybridity. **Popular Music**. Vol. 21, Número 2, mai. 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/853684>>. Acesso em: 14 nov. 2009.
- ROSA, Pablo Ornelas. **Rock Underground: uma etnografia do rock alternativo**. São Paulo: Radical Livros, 2007.

RUUD, Even. **Music in The Media**: the soundtrack behind the construction of identity. Disponível em: <<http://you.sagepub.com>>. Acesso em: 14 mai. 2007.

WHEELER, Jesse Samuel. **Dark Matter**: Towards an Architectonics of Rock, Place, and Identity in Brasília's Utopian Underground. Los Angeles : University of California, 2007.